



**(A PARTIR) DE, PARA (COM): uma proposta *biogeográfica* para a Educação de/em Teatro *a partir de* e com o pensamento descolonial**

**(DE) DESDE, HACIA (CON): una propuesta *biogeográfica* para la Educación de/en Teatro desde y con el pensamiento decolonial**

**(FROM) FROM, TO (WITH): a biogeographical proposal for the Education of/in Theatre from and with decolonial thinking**

**Vitória Pavan<sup>1</sup> & Marcos Antônio Bessa-Oliveira<sup>2</sup>**

**Resumo:** O texto apresenta reflexões a partir do pensamento descolonial para propor modos *outros* de entender a Educação e os processos de ensinos e de aprendizagens de sujeitos/as artistas-docentes-pesquisadores/as (BESSA-OLIVEIRA, 2016) que se reconhecem como produtores/as de arte, de cultura e de conhecimento a partir de seus próprios corpos e *experivivências* (BESSA-OLIVEIRA, 2019) e, com isso, estão disponíveis para mediações desses processos com seus/suas alunos/as, dialogando um fazer **com** eles/as e não **para** eles/as. Paulo Freire (2020) defende que o/a educador/a que pensa certo é o/a que tem consciência/decência de que ensina aprendendo e

---

<sup>1</sup> Graduada em Artes Cênicas – licenciatura – e mestranda no Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Educação – PROFEDUC – da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UUCG. ORCID – <https://orcid.org/0000-0001-8874-3420>. E-mail: [yickpavan3@gmail.com](mailto:yickpavan3@gmail.com)

<sup>2</sup> Professor da UEMS – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul em Dança e Teatro e no PROFEDUC. É líder do Grupo de Pesquisa NAV(r)E (UEMS/CNPq); é membro dos Grupos de Pesquisa NECC e do Grupo de Pesquisa Estudos Visuais (UNICAMP/CNPq). ORCID iD – <http://orcid.org/0000-0002-4783-7903>. Editor chefe do periódico *Cadernos de Estudos Culturais*. Email: [marcosbessa2001@gmail.com](mailto:marcosbessa2001@gmail.com).

aprende ensinando, dialogando com o pensamento decolonial, já que ambos pensam em caminhos para uma Educação mais humanitária e construída em conjunto. A inscrição do corpo *biogeográfico* artista-docente-pesquisador da autora e a proposta de Arte-mediação (SANTOS; BESSA-OLIVEIRA, 2021) potencializam essas propostas dialógicas (Educação, Arte, Freire e a Descolonialidade) para os espaços educacionais com cada vez mais sentidos e significados para os/as presentes em/na situação.

**Palavras-chave:** Pensamento decolonial; Paulo Freire; Educação; Arte-mediação; *biogeografia*; Teatro.

**Resumen:** El texto presenta reflexiones desde el pensamiento decolonial para proponer otras formas de entender la Educación y los procesos de enseñanza y aprendizaje de sujetos/as artistas-docentes-investigadores/as (BESSA-OLIVEIRA, 2016) que se reconocen como productores/as de arte, cultura y conocimiento desde sus propios cuerpos y experiencias (BESSA-OLIVEIRA, 2019) y, con ello, están disponibles para mediaciones de estos procesos con sus estudiantes, dialogando un hacer con ellos y no para ellos. Paulo Freire (2020) defiende que el educador que piensa bien es el que tiene conciencia/decencia que enseña aprendiendo y aprende enseñando, dialogando con el pensamiento decolonial, ya que ambos piensan en caminos para una Educación más humanitaria construidos juntos. La inscripción del cuerpo *biogeográfico* artista-docente-investigador del autor y la propuesta de Arte-mediación (SANTOS; BESSA-OLIVEIRA, 2021) potencializan esas propuestas dialógicas (Educación, Arte, Freire y Decolonialidad) para los espacios educativos con más sentidos y significados para los presentes en/en la situación.

120

**Palabras clave:** Pensamiento decolonial; Paulo Freire; Educación; Arte-mediación; *Biogeografía*; Teatro.

**Abstract:** The text presents reflections from decolonial thinking to propose other ways of understanding Education and the processes of teaching and learning of subjects/as artist-teacher-researchers (BESSA-OLIVEIRA, 2016) who recognize themselves as producers of art, culture and knowledge from their own bodies and experiences (BESSA-OLIVEIRA, 2019) and, with that, are available for mediations of these processes with their students, dialoguing a doing with them and not for them. Paulo Freire (2020) defends that the educator who thinks right is the one who has conscience/decency that teaches by learning and learns by teaching, dialoguing with the decolonial thought, since both think of paths for a more humanitarian Education built together. The inscription of the author's artist-teacher-researcher *biogeographic* body and the proposal of Art-mediation (SANTOS; BESSA-OLIVEIRA, 2021) potentiate these dialogic proposals (Education, Art, Freire and Decoloniality) for the educational spaces with more and more senses and meanings for the ones present in/in the situation.

**Keywords:** Decolonial Thought; Paulo Freire; Education; Art-mediation; biogeography; Theatre.

## **INTRODUÇÃO – O MUITO ALÉM DE UMA CARTA: Caminhos para o ensino de/em Teatro**

O erro na verdade não é ter um ponto de vista, mas absolutizá-lo e desconhecer que, mesmo do acerto do seu ponto de vista, é possível que a razão ética nem sempre esteja com ele (FREIRE, 2020, p. 16).

O caráter descolonial não é inerente à um objeto, uma obra, uma prática, uma pessoa ou um grupo, mas a um modo de ser, sentir, pensar e fazer em uma situação determinada, confrontando em algumas de suas faces ou dimensões, a matriz colonial do poder (GÓMEZ; MIGNOLO, 2012, p. 17)<sup>3</sup>

[...] Agora sei que existe um tempo, um lugar/ Mas existem outros além de mim/ Que não serão ditos por minha boca  
 Posso dizer com meu corpo/ Desse meu eu por mim/ Que se enlaça num viver/ Que está distante do que se é  
 Está convivendo na possibilidade de ser/ A partir de um eu que se faz no agora/ Que talvez seja efêmero/ Talvez esteja no tempo  
 É um espaço onde não existo/ Me faço existência/ Não persisto/ Sou (re)existência  
 Sou o corpo que tranborda e satisfaz/ Um filosofar alheio ao que me desfaz/ Que é voraz e morto  
 Fala à distancias oceânicas/ Insiste numa história que reacende/ E me deixa em cinzas/ Que por mim, ao respirar/ Deixa o vento levar  
 Saio da logica pra ser/ Saio do abismo criado/ transformando meu eu/ Na possibilidade do descolonizado (PAVAN, 2022, s/p.).

Ao grafar o título com “De/Para”, a primeira coisa que me vem à cabeça é o início de uma carta. Escrevi inúmeras na minha infância: para o Papai Noel, para amigos e amigas em seus aniversários, no dia das mães para minha mãe, dia dos pais para minha vó. Todas de mim para alguém com algum conteúdo que vinha da

---

<sup>3</sup> No original: “El carácter decolonial no es inherente a un objeto, una obra, una práctica, una persona o un grupo, sino a un modo ser, sentir, pensar y hacer en una situación determinada, enfrentando en algunas de sus caras o dimensiones la matriz colonial del poder (GÓMEZ; MIGNOLO, 2012, p. 17).

minha pessoa para que outra pessoa me compreendesse e sentisse o que sinto por elas.

E após 17 anos que aprendi a escrever, contemplo aulas no Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Educação (PROFEDUC), da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul em Campo Grande, que me fazem lembrar dessas cartas e (re)verificar meu modo de entendê-las e escrevê-las.<sup>4</sup> Primeiro porque (re)verificação é uma revisão que não me exclui (BESSA-OLIVEIRA, 2022); segundo porque agora escrevo não apenas para pessoas que tenho afeto, mas também para reflexões e contribuições para a Educação, para processos de ensinos e de aprendizagens. E mais que escrever atualmente - ainda mais a partir do meu corpo e *experivivências*, e, dialogando com o pensamento descolonial - é *pensar, fazer, sentir e ser* uma artista-docente-pesquisadora que se reconhece produtora de arte, de cultura e de conhecimento e agora busca propor em seus fazeres – artísticos, pedagógicos e de pesquisas – caminhos potentes para que alunos/as, futuros/as docentes, e até mesmo docentes que buscam formações outras, também se reconhecerem como tal<sup>5</sup>.

O pensamento descolonial, desenvolvido principalmente por Walter D. Mignolo, é a epistemologia usada para abordar essas propostas de diálogos, pensamento que nos permite defender uma horizontalidade para existir e conviver com nossas diferenças. Esse pensamento defende a ideia de não ser um novo padrão, não quer se impor para superar todos os outros modos, apenas se apresenta como uma proposta *outra* de entender o mundo e se entender nele, porque

[...] a descolonialidade não consiste em um novo universal que se apresenta como verdadeiro; trata-se antes de outra opção. Apresentando-se como outra opção, o descolonial abre um novo modo de pensar que se desvincula das cronologias construídas pelas novas *epistemes* e paradigmas [...] (MIGNOLO, 2017, p. 15).

---

<sup>4</sup> Este trabalho é resultado de discussões e reflexões de uma disciplina eletiva do Programa PROFEDUC (Itinerários Culturais, 2022) orientada pelo Prof. Dr. Marcos Antônio Bessa-Oliveira e foram essas aulas que mais provocaram as (re)verificações das grafias “(a partir) de” e “para (com)”.

<sup>5</sup> Mais adiante no texto, coloco os/as agentes do ensino não formal também nesta reflexão, como os/as atores/atrizes, mas estes/as se caracterizam desde já como sujeitos da/em discussão, já que estamos falando no ensino de/em Teatro.

Dialogando com a descolonialidade, os estudos de Paulo Freire (2020) também contribuem para pensar nessa proposta de não fazer por alguém e nem sobre alguém, e sim *com todos/as* e *a partir de* quem se propõe. Em *Pedagogia da Autonomia*, Freire discorre a importância do fazer docente ser ancorado no pensar certo<sup>6</sup>, que “[...] do ponto de vista do/[a] professor/[a], tanto implica o respeito ao senso comum no processo de sua necessária superação quanto o respeito e o estímulo à capacidade criadora do/[a] educando/[a]” (FREIRE, 2020, p. 31): evidenciando uma postura horizontal para pensar em práticas pedagógicas com cada vez mais sentido e significado para os/as alunos/as, como também para os/as próprios/as docentes.<sup>7</sup> Com esse diálogo, é possível entender e defender uma proposta de ensino e de aprendizagem que permitam que as construções/criações/produções de arte, de cultura e de conhecimento sejam organizadas em conjunto por todas as partes presentes na realidade da sala de aula.

Pensando na proposta dialógica apresentada, para ensino de/em Teatro mais especificamente, e pensando nesse entendimento de “(a partir) de/para (com)”, a proposta conceitual de *biogeografias* (BESSA-OLIVEIRA, 2019) nos contempla para essa discussão. O autor propõe entender que todo/a sujeito (*bio*) com seu *locus* (*geo*) e suas narrativas *experivenciais* (*grafias*) produzem arte, cultura e conhecimento. Assim, o/a sujeito/a *biogeográfico/a* é aquele/a que foi possibilitado/a, com mediação dialógica de seu/sua professor/a, no caso da Educação, se entender como protagonista de seus saberes e fazeres de arte, de cultura e de conhecimento a partir de si (corpo), com seu *locus* e suas narrativas de vida, suas memórias e *experivências*.

---

<sup>6</sup> E com esse pensar certo não quer dizer que é a única maneira de se pensar ou até mesmo que as outras estejam erradas. Mas o “pensar certo” de Paulo Freire apresenta-se como a perspectiva deste de enxergar a ação docente, que exige ética, respeito e diálogo como princípios básicos para uma Educação mais humanizada e libertadora.

<sup>7</sup> Todos os acréscimos no feminino são grifos da autora, entendendo, a partir do pensamento descolonial e me reconhecendo como um ser de exterioridade – ou seja, um ser que está fora dos centros, da origem dos discursos de quem pode ser considerado/a produtor/a de arte, de cultura e de conhecimento –, a necessidade de (re)verificar até mesmo nossa grafia. Essa discussão está ancorada na pesquisa de dissertação do PROFEDUC da mestra Marcela dos Santos Ortiz (2020).

Quando inscrevo meu *bios* nos meus processos de criação e também de ensino, contrariando os modelos que os discursos hegemônicos e padronizador estabeleceram – colocando esse corpo latino brasileiro em condição de fronteira, excluído de seu centro –, encontro um caminho para *ser, sentir, saber e fazer* a partir das minhas *biogeografias*. Esse é o primeiro passo para entender esta proposta do fazer docente, que busca ser o/a mediador/a em sala de aula e nunca quem só transmite, para verdadeiramente haver diálogo entre professores/as e alunos/as. Uso o termo mediador/a para me referir aos/às professores/as, mais especificamente de Arte, trazendo como referência à proposta conceitual de Kelly Queiroz dos Santos (2021) de Arte-mediação, na qual os/as profissionais da Educação não mais apenas transmitem arte, cultura e conhecimentos, mas mediam estes com seus/suas alunos/as, propondo também diálogos com/a partir de seus saberes, e também do alunado, já existentes.

Assim, a proposta para o ensino de Teatro, **a partir de** um/a sujeito *biogeográfico/a* **para com** sujeitos/as que se reconhecerão também *biogeográficos/as*, é uma via para defender uma educação mais horizontal e que entende e acolhe as diferenças presentes em salas de aulas, protagonizando-se e possibilitando protagonismos *outros* além dos defendidos pela estética e ideário europeus e estadunidenses.

**(A PARTIR) DE: o/a sujeito que escreve, faz e se inscreve – o/a sujeito *biogeográfico/a***

Perguntar para a maioria dos/as artistas cênicos/as o que representaria para ele/a pegar o papel de um/a protagonista é de certo testemunhar um discurso sobre o ponto alto da carreira e o quanto isso foi um presente do/a diretor/a para sua vida. Trago esse exemplo porque sou artista da cena, porém não me desvinculo dos meus outros eus, colocando meu corpo artista-docente-pesquisador (BESSA-OLIVEIRA, 2016) na discussão. Nesse trabalho, há um outro tipo de protagonismo, aquele que todos/as podem ser a partir de si, sem que tenha um/a responsável superior para te presentear, mas sim um/a mediador que te apresenta possibilidades para se ver um/a potencial protagonista, de cena e da vida.

Os protagonismos para nossos fazeres e saberes, baseados na proposta de Bessa-Oliveira das *biogeografias*, abre horizontes para que todo/a sujeito/a tenha possibilidades de se reconhecer dentro desses fazeres e saberes. Para o autor, “[...] todo/a] sujeito/a], espaço e narrativas são produtores de arte, de cultura e de

conhecimento. [...] seriam [...] diferenças coloniais das *biogeografias* que as fazem produtoras de arte, de cultura e de conhecimentos não hegemônicos [...]” (BESSA-OLIVEIRA, 2019, p. 15). O que também defende o pensamento descolonial, propondo um desprendimento dos discursos modernos europeus e pós-modernos estadunidenses que estão presentes em nossos gostos, definições e até escolhas para quem será e o que será produtor/a, seja no meio artístico, no meio educacional ou da vida como um todo.

Pensar a partir da descolonialidade é entender o peso desses discursos supracitados e buscar uma nova via de existência, percebendo nosso lugar de fronteira fora de um centro padronizador localizado ao Norte do mundo. Compreender essas argumentações como opções outras é abrir espaço à diferença como projeto de universalização de produções em arte, cultura e conhecimentos de uma ótica plural dos corpos, das culturas e dos saberes/conhecimentos construídos a partir de especificidades *biogeográficas*: corpo, lugar e narrativas que se edificam a partir da fronteira como lugar enunciativo à vários outros lugares de dentro ou fora de outras fronteiras e centralidades. Assim:

A de[s]colonialidade requer desobediência epistêmica, porque o pensamento fronteiriço é por definição pensar na exterioridade, nos espaços e tempos que a autonarrativa da modernidade inventou como seu exterior para legitimar sua própria lógica de colonialidade (MIGNOLO, 2017, p. 30).

125

Atualmente estou fixada na capital do estado de Mato Grosso do Sul e foi nessa cidade que se deu toda minha formação acadêmica. Logo em 2018, ano que ingressei na graduação da licenciatura em Artes Cênicas<sup>8</sup> da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), tive contato com o pensamento descolonial por meio do grupo de pesquisa NAV(r)E<sup>9</sup>, liderado pelo Prof. Dr. Marcos Antônio Bessa-Oliveira, o mesmo autor das *biogeografias*. Não apresento esses fatos para mero conhecimento da minha trajetória, mas para o entendimento de como chego a esta parte da pesquisa, defendendo a proposta de inscrever meu *bios* artista-docente-pesquisadora, para, enfim, me descobrir e me formar docente.

---

<sup>8</sup> Antigo curso da Unidade Universitária de Campo Grande que tem sua última turma formada no ano de 2022. Atualmente o curso se dividiu nos cursos de licenciatura em Teatro e licenciatura em Dança.

<sup>9</sup> Núcleo de Artes Visuais em (re)Verificações Epistemológicas.

Continuando as trajetórias, comecei a atuar profissionalmente em 2015 – e aqui quero dizer que foi em uma escola de Teatro no interior de São Paulo (São Carlos), porque anteriormente eu já atuava na escola básica e também na igreja – com montagem de peças musicais, autorais do meu professor Alexandre Rodrigues. Em 2014, também comecei a guardar em cadernos meus registros de poesias, que sempre eram criadas – e até hoje são – a partir das *experivências* do meu dia a dia, como para me organizar ou sintetizar um pensamento/reflexão. Assim, meu jeito de ser e estar no mundo, desde que me entendo por gente crítica e reflexiva, é artístico, seja atuando ou poetizando!

### Da minha pele

Quantas pessoas já se passaram por aqui/ Quantas mãos pegaram/ Quantas mãos deixaram/ Quantos corpos abraçaram/ Quantas pessoas passaram  
 Meu bordado no entrelaçar/ De laços que relacionam/ Relacionamentos bem-sucedidos/ Tendo minha pele como espaço  
 Sou resultado em processo/ De uma mistura de mim/ Que não se vê por fora/ Não vê dentro/ Vê uma unidade  
 Vê saudade de uma casa/ Que está além do plano espaço/ Vê a ausência de si/  
 Porque tentou ser tantas  
 Mas minha pele está aqui/ Neste espaço tempo/ Nesta atualidade que quer tudo/ Não quer nada e deixa pra depois/ O que é urgente na minha pele  
 Te proíbo de falar de mim/ Esse é o decreto dessa pele/ Que em cada cicatriz descreve/ O que foi proibida de falar  
 Quem sabe com palavras sem rima/ Com versos sem métrica/ Essa pele diga, essa pele siga/ Sentindo, logo existindo! (PAVAN, 2022, s/p).

126

Das cartas às poesias, escrevo me inscrevendo. Penso sendo e sou fazendo. De São Carlos, inconsciente, e agora aqui, consciente: meu fazer está em mim, sou eu. Está tudo convivendo em mim para a minha existência artista-docente-pesquisadora descobrir formas outras de também possibilitar caminhos para essas descobertas para os/as meus/minhas alunos/as também se reconhecerem e serem protagonistas das/nas suas vidas. E é assim que o/a sujeito *biogeográfico/a* se potencializa para o campo educacional: quando desabrocha em si o reconhecimento de ser produtor/a de arte, de cultura e de conhecimento *a partir de si*, e não como mera reprodução de modelos aceitos/exigidos, sendo capaz de criar também para(com) os/as educandos/as. Sobre essa inscrição de si, Nolasco defende que

[...] É mais do que preciso, é necessário a inscrição do corpo e do compromisso teórico, político mesmo desse[a] pesquisador[a]. Tal presença se daria por meio da



inscrição de seu *bios* e de seu lócus ancorando seu lócus enunciativo, mais sua consciência fronteiriça, ou condição mesma de pensar (NOLASCO, 2018, p. 12-13).

Com isso, temos que o/a sujeito que se entende *biogeográfico/a*, a partir do pensamento descolonial e com a consciência de ser um/a sujeito que ocupa um lugar epistêmico de fronteira, (trans)forma-se em um/a artista-docente-pesquisador/a, no caso dessa discussão, facilitador/a e mediador/a<sup>10</sup> que entende, reconhece e defende ser todos/as produtores/as de artes, de culturas e de conhecimentos a partir de si, de suas memórias, narrativas e *experivivências*, a partir de suas *biogeografias* fronteiriças.

Seja para criar cena, nos fazeres teatrais, seja para criar saberes *outros*, seja para simplesmente criar a partir de sua existência, a descolonialidade é um pensamento que possibilita essa opção de vida (MIGNOLO, 2017).

#### **PARA (COM): propostas dialógicas de Paulo Freire e o Pensamento Descolonial**

Com toda a discussão apresentada anteriormente, sobre esse/a sujeito *biogeográfico/a* que busca, a partir do pensamento descolonial, criar seus saberes e fazeres artísticos, culturais e de conhecimentos, vamos abordar uma reflexão de como o fazer docente se torna mais humanizador ao propor diálogos com os estudos de Paulo Freire.

A descolonialidade é uma proposta epistêmica que Walter Mignolo vai defender como sendo um caminho para desprender-se das epistemes vindas do Norte em que ainda se ancoram nossos ideários de corpo, de teatro, de arte, de cultura, de educação. São modelos que originam em um centro que, historicamente, é posto como o princípio de tudo, como a localidade que descobriu as outras e que, portanto, têm o direito de se colocar como o modelo hegemônico, por meio de discursos até hoje vigentes. Uma história demarcada por apagamentos, encobrimentos e aniquilações, que desprender-se dela é a possibilidade de enfim existir. E melhor, re-existir desvinculado dela.

[...] Desprender-se significa não aceitar as opções que lhe brindam. Não pode evitá-las, mas ao mesmo tempo não quer obedecer. Habita a fronteira, sente na fronteira e

---

<sup>10</sup> Discutirei como entendo esse conceito de mediador/a no próximo tópico, a partir da proposta da mestra em Educação Kelly Queiroz dos Santos.

pensa na fronteira no processo de desprender-se e re-subjetivar-se (MIGNOLO, 2017, p. 19).

É com esse pensar fronteiriço que emerge um/a sujeito *biogeográfico/a* que se entende tão produtor/a quanto o/a seu/sua próximo/a, o/a que preza pela convivialidade dos saberes e fazeres, reconhecendo-se e dando oportunidades para(com) o/a outro/a também se reconhecer.

Paulo Freire, em seu livro *Pedagogia da Autonomia* (2020), aponta que ensinar exige muitas coisas, mas não no sentido padronizador/castrador que estamos im(ex)postos. Além do respeito, do diálogo, da escuta, da criticidade, do bom-senso, da alegria e esperança, o ensinar para Freire também exige ética. Uma ética que está pautada na relação entre docentes e discentes, os/as dois/duas principais atores/atrizes da sala de aula, para mencionar elementos teatrais.

Nessa minha trajetória como artista-docente-pesquisadora, venho propondo entender os estudos de Paulo Freire, principalmente, quando este defende o diálogo do fazer docente, na premissa que os seres aprendem ensinando e ensinam aprendendo; o que me leva a pensar em uma óbvia desierarquização da realidade do ensino, seja da Educação Básica ou do que chamamos do ensino não formal, em companhias de Teatro. Porque não formal sim, o ser/fazer docente não é apenas o do chão da escola, mas também se encontra em outros espaços educacionais, principalmente quando se preza pela troca e compartilhamento.

A relação docente e discente, pautada na ética do patrono da educação brasileira, é defendida pelo “pensar certo”, que apresenta todas as exigências supracitadas e que, mais uma vez, estabelece o diálogo também com o pensamento descolonial.

Só somos porque estamos sendo, estar sendo é condição, entre nós, para ser. Não é possível pensar os seres humanos longe, sequer, da ética, quanto mais fora dela. [...] É por isso que transformar a experiência educativa em puro treinamento técnico é amesquinhar o que há de fundamentalmente humano no exercício educativo: seu caráter transformador. [...] Pensar certo, [...], demanda profundidade e não superficialidade na compreensão e na interpretação dos fatos. Supõe a disponibilidade à revisão dos achados, reconhece não apenas a possibilidade de mudar de opção, de apreciação, mas o direito de fazê-lo. Mas como não há de pensar certo à margem de princípios éticos, se mudar é uma possibilidade e um direito, cabe a quem muda – exige o pensar certo – que assuma a mudança operada. Do ponto de vista do pensar certo não é possível mudar e fazer de conta que não mudou. É que todo pensar certo é radicalmente coerente (FREIRE, 2020, p. 34-35).

Se ética e coerência andam de mãos dadas, é possível relacionar e até mesmo justificar o diálogo, por mim proposto, entre a descolonialidade e os princípios de Paulo Freire. Como o pensamento descolonial se torna uma opção de vida alheia e em convívio com as demais, pensar a partir da ética freiriana é, na criticidade do fazer docente, ser um/a profissional decente e de função (trans)formadora dos/as sujeitos/as. É a convivência que implica em *ser, sentir, saber e fazer* alheios aos moldes que nos submetem, nos negam ou nos fazem aceitar para participar, fazendo-nos contentar com a situação de subalternos/as.

O meu eu *biogeográfico*, que versa *experivivências* a partir de um corpo artista-docente-pesquisador ético e coerente, entende as poesias como minha (po)ética de ser e estar no mundo. É a partir dessas poesias *biogeográficas* – até porque *biogeografia* rima com poesia – que entendo que sou produtora de arte, de cultura e de conhecimento outros, buscando outras lógicas dessas definições impostas pela colonialidade nórdica e global. E com esse entendimento (po)ético, me (trans)formo todos os dias em uma artista-docente-pesquisadora que busca o pensar certo freiriano-descolonial, que não vai pedir poesias aos/às meus/minhas alunos/as/atores/atrizes, porém irá propor caminhos para que entendam a (po)ética de cada um/a como ser individual e subjetivo para *ser, sentir, saber, fazer* e conviver com outros corpos, consigo mesmo e com o meio. A criação a partir das *biogeografias*, portanto, é também um caminho ético e coerente para fazer proposições que todas as diferenças convivam, sejam e façam a parti de si.

Com isso, podemos dialogar com a pesquisa da mestra Kelly Queiroz dos Santos (2021) que propõe o conceito de Arte-mediação para pensar em fazeres docentes com cada vez mais sentido e significado, que além de criar uma nova geração consumidora de/para a arte, é facilitadora para o ensino das diferentes formas de arte, contextos e possibilidades que pode a arte.

A autora, que também parte do pensamento descolonial e dialoga com Freire e as *biogeografias*, elucida a importância de o fazer docente partir primeiro de um corpo que se reconhece antes de tudo como sujeito colonizado, para assim ser sensível às individualidades e respeito às diferenças dos/as seus/suas discentes. “[...] Eu danço a “minha” dança e isso faz com que eu desperte meus[/minhas] alunos e alunas a buscarem a dança deles[/as], provocando experiências *outras* às que tive, respeitando suas particularidades mediando o conhecimento de dança de cada corpo” (SANTOS; BESSA-OLIVEIRA, 2021, p. 38). Entendo primeiro no meu corpo para depois propor aos corpos outros.

Kelly Santos fala da Dança devido a sua área de atuação, embora seja também formada no curso de Artes Cênicas e Dança da UEMS. Portanto, sua pesquisa também me contempla quando busco falar do ensino de/em Teatro, além de que a proposta é Arte-mediação, não evidenciando uma linguagem em específico. O mediar, com isso, independente da linguagem artística, é uma ação docente que esbarra no pensar certo de Paulo Freire, no *aprender a desaprender para reaprender* da descolonialidade, uma vez que é ético e coerente inscrever e perceber meu corpo e assim, possibilitar outros corpos diferentes.

O diálogo freiriano-descolonial proposto, de defender os diálogos no ato formador de ensinar para buscar uma desirarquização, também se apresenta quando a autora entende que é preciso

[...] (re)verificar também as relações já postas entre sujeitos[/a] e demandas atuais do ensino da Arte, sendo eles: o[/a] professor[/a], o[/a] estudante e o conteúdo escolar; entendendo que a então proposta de Arte-mediação pode apresentar uma reflexão *outra* mediada sobre essa relação, propondo uma aproximação entre os[/as] sujeitos envolvidos[/as] – professor[/a] e estudante – e o conteúdo escolar (SANTOS; BESSA-OLIVEIRA, 2021, p. 77).

É fundamental dialogar com as diferenças que nunca tiverem voz e vez no discurso predominante. Dialogar pode ser considerado um conviver com sujeitos/a que não precisam de voz, porque já a têm, mas precisam de caminhos para fazer emergir com suas, a partir de suas e para(com) as suas *biogeografias*, suas potenciais criações de artes, de culturas e de conhecimentos. Se reconhecer oprimido/a/excluído/a/sulbarternizado/a pelos moldes é o que irá provocar uma reação que transforme sua consciência/subjetividade colonizada para ser atuante, como protagonista de vida ou de cena.

Falar do ensino de/em Teatro, para este presente trabalho, é pensar além de conteúdos, de conhecimentos básicos para se atuar em palcos ou em outros lugares alternativos. Teatro também é um modo de ser atuante na sociedade, um meio conscientizador e denunciador de realidades muitas vezes silenciadas pelos mesmos que apagaram, encobriram e extinguiram. Atuar pode e deve ser aproximado ao mesmo que viver.

De nada me é proveitoso meu/minha aluno/a/ator/atriz saber projetar sua voz, entender seu corpo no espaço, decorar falar, saber os dramaturgos clássicos<sup>11</sup>, se ele/a não perceber o poder que tem em mãos, em corpos, ao saber potencializar narrativas *outras* em cena; não perceber que seu corpo pode a partir de si, e não porque segue única e exclusivamente referências universalizantes (que tornam o que quer universal).

A Arte-mediação é uma epistemologia *outra* a ser usada no relacionamento entre os[as] sujeitos[as] da educação (professor[a], estudante, conteúdo, contexto escolar), um olhar outro para o ensino de Arte por uma perspectiva descolonial, como desejo de descolonizar o ensino de Arte. Tomo a Arte-mediação como caminho e reflexão para que o[a] professor[a]-artista-pesquisador[a] a use em suas práticas já desenvolvidas, reconhecendo que todo[a] sujeito[a], todo corpo é produtor de arte, de cultura e de conhecimento a partir das *experivivências* impressas em seu corpo [...] (SANTOS; BESSA-OLIVEIRA, 2021, p. 81).

Assim, ao retomar o título do presente texto, (a partir) de/para(com), não deixo de certo modo de estar propondo uma carta com afeto. A diferença em relação aos 17 anos atrás é que agora esses afetos se transformaram em necessidade. Depois de me entender como uma sujeita *biogeográfica* é produzir e compartilhar conhecimentos (po)éticos, para que, mesmo a proposta vinda do meu corpo, do meu fazer, não excluam a atuação de outros corpos presentes na situação educacional.

131

### CONSIDERAÇÕES a partir de tudo aqui dialogado

[...] Tenho criado com meu próprio corpo a partir da descoberta de ser, sentir e saber para fazer de modo *outro* desobedecendo às regras que sempre me quiseram impostas (BESSA-OLIVEIRA, 2020, p. 141).

O processo de entender que escrever minhas cartas ou minhas poesias é sim ato de produções de arte, de cultura, de conhecimento, de registro e síntese desse

---

<sup>11</sup> O não acréscimo das grafias no feminino em alguns casos não é esquecimento, é literal. Os registros, que tanto se afirmam marcar a realidade de uma época, sempre fazem questão de nos lembrar de que apenas os destaques e evidências de uma supremacia padronizada são quem faz história. Também vale ressaltar que todos os conhecimentos/conteúdos de Teatro mencionados não estão sendo desprezados, mas postos para pensarmos que ser importante não pode descaracterizar a importância também das necessidades dos corpos diferentes que estarão atuantes em cena.

corpo que tudo *experivivencia*, foi longo e muitas vezes dolorido. Walter Mignolo fala sobre uma ferida colonial aberta, que aqui reflito nas suas cicatrizes, nas marcas do medo de criar, no sangrar ao querer se expor. E não uma exposição banal, mas uma que mostra que o corpo tanto grita, mesmo silenciado, para falar. Um criar a partir do corpo colonizado que percebe a necessidade e caminho do descolonizar.

Viver na pele, “da minha pele”, como bem apresenta minha poesia anteriormente, e enxergar a potencialidade de possibilitar caminhos outros, não menos doloridos, mas mais cedo, para meus/minhas alunos/as/atores/atrizes, é o que faz meu ser (po)ético continuar acreditando em uma educação decente, dialogando com a ética do pensar certo de Paulo Freire.

Quando o pensamento descolonial apresenta o desprendimento de padrões e moldes, e Nolasco (2018) defende a inscrição do *bios* do/a sujeito/a que faz para uma pesquisa com sentido e significado, é nítido como podemos defender as *biogeografias* como repertório criador para nossas produções de arte, de cultura e de conhecimento. Desprendidos de um discurso, Eu dou escuta ao meu eu que tanto foi silenciado, apagado e extinguido. Mas que agora vive uma (po)ética de criar a partir de si.

Ao pensar nos processos de ensinos e de aprendizagens de/em Teatro com essa consciência descolonial crítica-fronteiriça *biogeográfica* (BESSA-OLIVEIRA, 2017), é possível apresentar caminhos *outros* para o fazer para(com) meus/minhas educandos/as e com atores e atrizes, no caso do ensino não formal. Esse é o fazer decente que se justifica na proposta de Arte-mediação.

[...] o/[a] professor/[a] de Arte *media* conhecimentos, que ao invés de “educar” e/ou de “ensinar” arte, ele/[a] será um/[a] Arte-mediador/[a], um/[a] sujeito que realizará a mediação de conhecimentos com a arte e a cultura. E para reforçar mais uma vez, entendo por conhecimentos os históricos e/ou de referências, assim como os dos/[as] estudantes e também os conhecimentos do/da Arte-mediador/a (SANTOS; BESSA-OLIVEIRA, 2021, p. 82).

Portanto, aqui não deixo uma receita, mais mais uma carta em forma de artigo. Todo meu afeto docente para futuros/as docentes, ou docentes que buscam formações *outras*, se perceberem produtores/as de arte, de cultura e de conhecimento alheios e de convívio aos discursos modernos e pós-modernos. Ser carta viva e poesia em forma de corpo para possibilitar caminhos outros para meus

pares ou meus/minhas alunos/as/atrizes/atores. Assim faço minha (po)ética educacional.

## REFERÊNCIAS

BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. *Arte Biogeográfica, Processos Criativos & a Covid-19*. Campo Grande, MS: Life Editora, 2020.

BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. Arte, Cultura e Educação na formação docente com perspectivas dos estudos de culturas. *Movimento* – Revista Educação, Niterói, RJ, ano 6, n. 11, p. 100-136, 2019. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistamovimento/article/view/32877/22292>. Acesso em: 14 de fevereiro de 2023.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 64 ed. – Rio de Janeiro/São Paulo: Paz E Terra, 2020.

GÓMEZ MORENO, Pedro Pablo; MIGNOLO, Walter. *Estéticas decoloniales* [recurso electrónico]. Bogotá : Universidad Distrital Francisco José de Caldas, 2012. Disponível em: <https://adelajusic.files.wordpress.com/2012/10/decolonial-aesthetics.pdf>. Acesso: 14 de fevereiro de 2023.

MIGNOLO, Walter. Desafios descoloniais hoje. Foz do Iguaçu/PR: *Epistemologias do Sul*, p. 12-32, 2017. Disponível em <https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/article/view/772>. Acesso em 14 de fevereiro de 2023.

NOLASCO, Edgar César. Descolonizando a pesquisa acadêmica: uma teorização sem disciplina. *Cadernos de Estudos Culturais: Tendências Artísticas do Século XXI*, Campo Grande, MS, v.1, p. 9-21, 2018. Disponível em: < <https://periodicos.ufms.br/index.php/cadec/article/view/7725> >. Acesso em: 14 de fevereiro de 2023.

SANTOS, Kelly Queiroz; BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. *Arte-mediação: uma proposta outra para pensar Mediação “Cultural” no ensino de Arte*. Curitiba: CRV, 2021.

PAVAN, Vitória. *Da minha pele*. Texto no prelo. 2022.

PAVAN, Vitória. Por mim. Texto no prelo. 2022.

Artigo Recebido em: 17 de agosto 2022.

Artigo Aprovado em: 05 de outubro de 2022.

